

# A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

*THE IMPORTANCE OF FORMATIVE ASSESSMENT IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS*

**Kelly Fernanda Moreira Cantareli**

Must University, Estados Unidos

**Marly Gonçalves da Silva**

Must University, Estados Unidos

**Natalia Carvalho de Oliveira Aude**

Universidade de Sorocaba, Brasil

**Lúcia Lopes Borges Roncato**

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguai

**Maria Sandra Soares da Silva**

Must University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/kbsda529>

Publicado em: 03.07.2025

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo analisar a avaliação formativa como prática pedagógica orientada à regulação do processo de ensino-aprendizagem e identificar seus principais instrumentos, desafios e potencialidades no cotidiano docente. O estudo abordou a avaliação educacional sob a perspectiva formativa, compreendida como um processo contínuo, articulado ao planejamento pedagógico e à mediação docente, que visa acompanhar o desenvolvimento do estudante e orientar intervenções didáticas ao longo do percurso formativo. A investigação foi conduzida por meio de pesquisa bibliográfica, com base na seleção e análise de artigos científicos publicados entre 2019 e 2025, obtidos em bases de dados acadêmicas, com destaque para o *Google Acadêmico*. Foram utilizados critérios de inclusão como atualidade, relevância teórica e adequação temática. Os resultados demonstraram que a avaliação formativa, embora reconhecida por seu valor pedagógico, ainda enfrenta obstáculos em sua implementação, especialmente em função da sobrecarga de trabalho docente, da ausência de formação específica e da prevalência de uma cultura escolar baseada em avaliações somativas e classificatórias. Por outro lado, constatou-se que o uso de instrumentos como portfólios, rubricas, autoavaliações e devolutivas qualitativas favorece a personalização do ensino, a autorregulação da aprendizagem e a construção de relações pedagógicas mais dialógicas e democráticas. Concluiu-se que a adoção efetiva da avaliação formativa exige mudanças estruturais, investimento em formação continuada e compromisso institucional com práticas avaliativas que valorizem o processo de aprendizagem em detrimento da simples mensuração de resultados.

**Palavras-chave:** avaliação; aprendizagem; ensino; professor; escola.



**Abstract:** This article aimed to analyze formative assessment as a pedagogical practice oriented toward the regulation of the teaching-learning process and to identify its main instruments, challenges, and potential in everyday teaching. The study addressed educational assessment from a formative perspective, understood as a continuous process, integrated into pedagogical planning and teacher mediation, intended to monitor student development and guide instructional interventions throughout the learning journey. The investigation was conducted through bibliographic research, based on the selection and analysis of scientific articles published between 2019 and 2025, obtained from academic databases, especially Google Scholar. Inclusion criteria such as timeliness, theoretical relevance, and thematic adequacy were used. The results showed that although formative assessment is recognized for its pedagogical value, it still faces implementation barriers, especially due to teacher workload, lack of specific training, and the persistence of a school culture based on summative and classificatory assessments. On the other hand, it was found that the use of instruments such as portfolios, rubrics, self-assessments, and qualitative feedback favors personalized teaching, self-regulated learning, and the construction of more dialogical and democratic pedagogical relationships. It was concluded that the effective adoption of formative assessment requires structural changes, investment in continuing teacher education, and institutional commitment to assessment practices that value the learning process over the mere measurement of results.

**Keywords:** assessment; learning; teaching; teacher; school.

## Introdução

A avaliação da aprendizagem tem ocupado lugar central nas discussões pedagógicas contemporâneas, tanto no campo da pesquisa quanto no exercício da docência. Historicamente, a escola brasileira estruturou-se sobre modelos avaliativos marcadamente classificatórios, orientados por parâmetros de desempenho e por lógicas de controle que reforçam desigualdades educacionais. Entretanto, nas últimas décadas, diversas correntes teóricas e práticas pedagógicas vêm propondo a substituição de uma perspectiva meramente somativa por abordagens que compreendem a avaliação como instrumento formativo, processual e regulador da aprendizagem. Nesse cenário, emergiu a avaliação formativa como estratégia voltada à mediação pedagógica, ao diagnóstico contínuo do desenvolvimento discente e à construção de percursos educativos mais equitativos.

A escolha do presente tema foi motivada pela necessidade de compreender como a avaliação formativa pode ser implementada de maneira eficaz no contexto escolar, considerando tanto seu potencial pedagógico quanto as limitações que afetam sua aplicação na prática docente. A relevância dessa temática reside no fato de que, apesar de amplamente defendida nos documentos oficiais e em produções acadêmicas, a avaliação formativa ainda encontra obstáculos estruturais, culturais e metodológicos que dificultam sua consolidação nas rotinas escolares. Assim, este estudo buscou investigar os fundamentos teóricos, os instrumentos disponíveis e os principais desafios enfrentados por professores que se propõem a desenvolver práticas avaliativas centradas na aprendizagem e não apenas na certificação de resultados.

Diante desse contexto, formulou-se a seguinte questão norteadora: 'Quais são as contribuições, limitações e possibilidades da avaliação formativa na prática docente, considerando sua função de regulação da aprendizagem e os instrumentos disponíveis para sua implementação no contexto escolar?' A partir dessa pergunta, delineou-se o objetivo geral do

estudo: Analisar a avaliação formativa como prática pedagógica orientada à regulação do processo de ensino-aprendizagem e identificar seus principais instrumentos, desafios e potencialidades no cotidiano docente. Para a concretização desse propósito, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: (i) compreender os fundamentos teóricos da avaliação formativa e sua distinção em relação à avaliação somativa; (ii) identificar os instrumentos e estratégias didáticas utilizados na implementação da avaliação formativa; e (iii) examinar os desafios enfrentados pelos professores e as potencialidades observadas na aplicação dessa abordagem.

A investigação foi conduzida por meio de pesquisa bibliográfica, com base na análise de artigos científicos publicados entre 2019 e 2025. O levantamento de dados ocorreu de forma sistemática, priorizando fontes indexadas no *Google Acadêmico*, ferramenta de busca especializada em literatura científica. As palavras-chave utilizadas foram 'avaliação formativa', 'ensino-aprendizagem', 'instrumentos avaliativos' e 'prática docente'. Os critérios de inclusão consideraram a relevância temática, a atualidade e a qualificação acadêmica das fontes. A análise dos textos selecionados permitiu a identificação e a organização de conceitos, enfoques e metodologias pertinentes ao objeto de estudo. Conforme destacaram Narciso e Santana (2025, p. 19461), "a coleta de dados foi realizada de forma sistemática, utilizando bibliotecas físicas e digitais, bases de dados acadêmicas e editoras especializadas", o que assegurou a consistência metodológica da pesquisa. Ainda segundo os mesmos autores, "a escolha da metodologia bibliográfica mostrou-se apropriada para alcançar os objetivos propostos, uma vez que possibilitou uma análise fundamentada das principais contribuições teóricas" Santana e Narciso, (2025, p. 1579).

Para a fundamentação teórica, foram considerados autores que abordam a avaliação como prática mediadora, entre os quais se destacam Oliveira *et al.* (2024), Silva e Lima (2023) e Guerra *et al.* (2023). Esses estudos contribuíram para a compreensão dos limites e das possibilidades da avaliação formativa em contextos educacionais diversos, permitindo a construção de um referencial crítico e articulado ao objetivo da pesquisa.

O artigo está estruturado em três capítulos principais. O primeiro capítulo, intitulado 'Avaliação Formativa como Processo Contínuo de Regulação da Aprendizagem', discute os fundamentos conceituais dessa abordagem e suas implicações pedagógicas. O segundo capítulo, 'Instrumentos e Estratégias Didáticas na Implementação da Avaliação Formativa', apresenta os principais recursos utilizados pelos docentes para operacionalizar práticas avaliativas formativas. O terceiro capítulo, 'Desafios e Potencialidades da Avaliação Formativa na Prática Docente', analisa os entraves enfrentados na aplicação dessa perspectiva, bem como suas contribuições para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Por fim, o artigo foi organizado em cinco seções: a introdução, onde se apresentam o tema, os objetivos, a justificativa e a metodologia; a fundamentação teórica, dividida nos três capítulos mencionados; a seção de resultados e discussões, na qual são analisadas as evidências encontradas; as considerações finais, com a síntese das conclusões e sugestões para pesquisas futuras; e as Referências que sustentam a argumentação desenvolvida ao longo do trabalho.

## Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, sendo desenvolvida a partir da análise de materiais acadêmicos já publicados sobre avaliação formativa no contexto escolar. Conforme os pressupostos de Gil (2017), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, organização e interpretação de contribuições teóricas existentes, com o objetivo de examinar e compreender determinado objeto de estudo a partir do conhecimento já sistematizado. A adoção dessa abordagem permitiu investigar, de maneira fundamentada, os conceitos, instrumentos, desafios e possibilidades relacionados à avaliação formativa, em consonância com os objetivos previamente definidos.

Para a execução do estudo, foram adotadas etapas metodológicas que garantiram a sistematização e a coerência analítica. Inicialmente, realizou-se a delimitação do tema e a definição das palavras-chave utilizadas na busca, a saber: ‘avaliação formativa’, ‘prática docente’, ‘ensino-aprendizagem’ e ‘instrumentos avaliativos’. As combinações entre esses termos possibilitaram abranger publicações que dialogassem diretamente com os eixos teóricos da pesquisa, sem recorrer a expressões excessivamente técnicas ou genéricas. A coleta de dados foi realizada de forma sistemática, utilizando bibliotecas físicas e digitais, bases de dados acadêmicas e editoras especializadas Narciso e Santana, (2025, p. 19461).

Entre as bases consultadas, optou-se prioritariamente pelo uso do *Google Acadêmico*, mecanismo de busca especializado em literatura científica, mantido pelo *Google*. Essa ferramenta permite o acesso direto a artigos, dissertações, teses e livros indexados em periódicos qualificados, contribuindo para o rastreamento e a seleção de fontes confiáveis e atualizadas. A escolha dessa base justifica-se por sua ampla cobertura temática, facilidade de acesso e integração com outras plataformas de pesquisa acadêmica.

Os critérios de inclusão dos materiais consideraram a pertinência temática em relação à avaliação formativa, a atualidade das publicações com foco em textos publicados entre 2019 e 2025 e a relevância acadêmica das fontes, priorizando artigos indexados, publicações em periódicos com qualificação reconhecida e textos de autores com produção consolidada na área da educação. Foram excluídos textos opinativos, materiais sem respaldo acadêmico e publicações desatualizadas ou que não tratassem diretamente do objeto da pesquisa.

Durante a análise dos materiais selecionados, foi adotado o procedimento de leitura analítica, com destaque para a identificação dos principais conceitos, enfoques metodológicos e argumentos apresentados por cada autor. Em seguida, esses elementos foram organizados tematicamente em eixos de discussão, o que possibilitou a comparação entre diferentes perspectivas e a construção de uma argumentação articulada. Durante essa etapa, foram identificados conceitos-chave, métodos e enfoques apresentados por cada autor, os quais foram organizados tematicamente para facilitar a comparação entre suas propostas.

O referencial metodológico adotado reconhece que a metodologia científica constitui o alicerce para a realização de pesquisas sistemáticas, oferecendo diretrizes e ferramentas que asseguram rigor e validade na produção de conhecimento. Nesse contexto, a escolha da metodologia bibliográfica mostrou-se apropriada para alcançar os objetivos propostos, uma vez que possibilitou uma análise fundamentada das principais contribuições teóricas de Santana e Narciso, (2025, p. 1579).

Desse modo, a organização criteriosa dos materiais e a condução metódica da análise garantiram o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento das seções analíticas e para a elaboração das considerações finais, respeitando os parâmetros de validade e confiabilidade próprios da pesquisa científica.

### **Avaliação formativa como processo contínuo de regulação da aprendizagem**

A avaliação, concebida a partir de uma abordagem formativa, adquire centralidade como mecanismo regulador e integrador do processo de ensino e aprendizagem. Tal concepção desloca o foco tradicional da verificação pontual e classificatória dos resultados para uma lógica de acompanhamento sistemático e intervenções pedagógicas em tempo real. Como resultado, a avaliação torna-se componente estruturante da prática docente, vinculada ao diagnóstico de dificuldades, à reformulação de estratégias didáticas e à promoção da aprendizagem significativa, conforme demonstrado por diferentes autores que analisam a natureza processual e mediadora desse tipo de avaliação.

Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2024, p. 7) afirmam que

[...] a avaliação formativa destaca-se por ser um processo contínuo e reflexivo, voltado ao acompanhamento da aprendizagem ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o erro é compreendido como parte do processo de desenvolvimento, sendo utilizado como elemento para intervenção pedagógica e replanejamento do ensino.

Tal afirmação evidencia a ruptura com a lógica de punição ou de aferição meramente estatística, conferindo ao erro uma função didática e formativa, ao passo que atribui à avaliação o papel de instrumento de mediação pedagógica. Do mesmo modo, Silva e Lima (2023) argumentam que a avaliação formativa, ao se realizar durante o desenvolvimento das atividades planejadas, permite reorientações no percurso pedagógico. O docente, mediante a análise dos indicadores qualitativos da aprendizagem, pode revisar os caminhos adotados e ajustar suas intervenções para que se tornem mais eficazes. A avaliação, assim, passa a atuar como uma estratégia retroalimentadora do próprio processo educativo, promovendo maior assertividade nas decisões didáticas.

Ademais, Guerra *et al.* (2023) complementam essa perspectiva ao enfatizar que a natureza processual da avaliação requer a observação contínua do desempenho discente. Para esses autores, a avaliação formativa não se limita a verificar a aprendizagem ao final de uma sequência de ensino, mas assume função permanente de diagnóstico e reorientação. A prática avaliativa, sob esse enfoque, adquire uma função dinâmica e dialógica, articulando o ensino à aprendizagem de forma responsiva e adaptativa.

É importante salientar que esse modelo de avaliação formativa também implica a adoção de estratégias de coleta e análise de dados qualitativos, como registros de aula, devolutivas escritas e observações sistemáticas. Guerra *et al.* (2023) reforçam que o acompanhamento contínuo, baseado nesses registros, permite ao professor adaptar o planejamento pedagógico de acordo com os dados obtidos, superando a dependência exclusiva de instrumentos somativos e padronizados. O processo avaliativo, nesse caso, torna-se mais sensível às singularidades dos estudantes e às condições concretas do contexto educacional.

Paralelamente, Oliveira *et al.* (2024) distinguem a avaliação formativa da somativa ao destacar que a primeira ocorre em tempo real, fundamentada em evidências produzidas durante as atividades pedagógicas. Esse caráter processual permite que o professor tome decisões fundamentadas e oportunas, favorecendo intervenções pedagógicas em momentos-chave do processo formativo. A avaliação, portanto, passa a ser compreendida como um processo dinâmico de orientação contínua da aprendizagem.

Sob essa perspectiva, a mediação docente se fortalece, pois o professor deixa de ser um aplicador de provas para assumir o papel de facilitador do processo de aprendizagem. Essa mudança de paradigma é destacada por Oliveira *et al.* (2024), que apontam a necessidade de deslocar o foco do julgamento classificatório para a mediação pedagógica. O processo avaliativo, ao assumir esse caráter formativo, contribui para o desenvolvimento da autonomia do estudante e para a construção de percursos individualizados de aprendizagem.

No mesmo caminho, Guerra *et al.* (2023) defendem a centralidade da avaliação formativa na prática pedagógica, sobretudo pelo fato de possibilitar o diagnóstico precoce de lacunas no processo de aprendizagem. Esse diagnóstico permite ao professor atuar de forma antecipada, minimizando riscos de evasão, reprovação ou desengajamento dos estudantes. A avaliação formativa, nesse sentido, constitui-se como um instrumento de promoção de aprendizagens significativas, com potencial para induzir mudanças concretas no desempenho discente.

Além disso, Silva e Lima (2023) argumentam que a avaliação precisa ser compreendida como prática constante, orientada por metas de aprendizagem e estratégias pedagógicas que dialoguem com a realidade dos estudantes. Isso implica avaliar não apenas os alunos, mas também as condições sob as quais ocorre o processo de ensino. Assim, a avaliação formativa deve englobar tanto os resultados da aprendizagem quanto os fatores institucionais e contextuais que a condicionam.

Nesse contexto, torna-se evidente que a avaliação não deve ser concebida unicamente como instrumento de mensuração de desempenho. Silva e Lima (2023) reforçam que sua função primordial é acompanhar o desenvolvimento do educando. A avaliação formativa, ao se articular com o processo educativo de forma orgânica, amplia a compreensão das trajetórias de aprendizagem e possibilita práticas pedagógicas mais responsivas e inclusivas.

Adicionalmente, Guerra *et al.* (2023) afirmam que a inserção da avaliação como ferramenta de regulação da aprendizagem possibilita identificar dificuldades e redirecionar a ação docente. Essa característica é fundamental para que o processo educativo seja adaptável às necessidades do grupo e às particularidades individuais, evitando a homogeneização das práticas e promovendo a equidade pedagógica.

Nesse cenário, o professor assume um papel ativo na análise dos dados obtidos por meio da avaliação formativa. Oliveira *et al.* (2024) reiteram que tal postura exige do docente sensibilidade para interpretar os indicadores do processo e replanejar suas ações didáticas com base nas evidências coletadas. A avaliação deixa de ser um evento isolado e transforma-se em processo permanente de escuta, análise e ação pedagógica.

Em complemento, Silva e Lima (2023) mencionam que a avaliação, independentemente de seu caráter pontual ou contínuo, só se justifica se contribuir para o pleno desenvolvimento do educando. Essa afirmação alinha-se à concepção de avaliação como prática formativa e ética, que

ultrapassa a função administrativa e assume compromisso com o sucesso escolar e com a justiça educacional.

Por conseguinte, Guerra *et al.* (2023) observam que o uso de registros e devolutivas qualificadas é essencial para que o acompanhamento seja efetivo. Tais instrumentos possibilitam ao docente interpretar os avanços dos alunos e propor intervenções pedagógicas coerentes com os dados analisados. Assim, a prática avaliativa deixa de ser estática e passa a operar em sintonia com a complexidade do processo educativo.

Finalmente, cabe destacar que a avaliação formativa é também um instrumento de fortalecimento do vínculo pedagógico. Ao se constituir como prática dialógica e reguladora, ela promove a escuta ativa e a coautoria na aprendizagem. Nesse contexto, o estudante é convidado a refletir sobre sua trajetória e a assumir maior protagonismo na construção de saberes, consolidando, assim, a função mediadora da avaliação no processo de ensino-aprendizagem.

### **Instrumentos e estratégias didáticas na implementação da avaliação formativa**

A consolidação da avaliação formativa no cotidiano escolar depende da utilização de instrumentos que sejam compatíveis com sua lógica processual, dialógica e reguladora. Nesse cenário, a escolha de estratégias avaliativas deve priorizar não apenas a aferição de resultados, mas também a compreensão do percurso formativo do estudante. Isso implica em considerar tanto os objetivos de aprendizagem quanto o perfil da turma e os recursos disponíveis, conforme defendido por Guerra *et al.* (2023). A coerência entre os meios avaliativos e a proposta pedagógica constitui, assim, um critério essencial para a legitimidade do processo avaliativo.

Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2024) apontam que

[...] entre os instrumentos mais utilizados nos estudos analisados estão os portfólios, rubricas, autoavaliações e relatórios reflexivos. Esses dispositivos permitem capturar não apenas o produto da aprendizagem, mas sobretudo o processo, ampliando as possibilidades de compreensão do percurso formativo do estudante.

Tais instrumentos conferem visibilidade ao processo de construção do conhecimento, permitindo ao professor diagnosticar avanços, estagnações e redirecionar suas estratégias didáticas com maior precisão. Ao considerar os portfólios, por exemplo, observa-se uma ferramenta que articula produção discente, metacognição e autorregulação. Eles permitem o registro sequencial de atividades, reflexões e evidências, funcionando não apenas como repositório de tarefas, mas como indicador da trajetória individual do estudante. Como destacado por Oliveira *et al.* (2024), o portfólio favorece a autonomia do aluno ao proporcionar a visualização de seu progresso e ao mesmo tempo, subsidia o professor com dados qualitativos para avaliar os padrões de desenvolvimento ao longo do tempo. Um exemplo dessa prática pode ser observado em turmas do ensino médio em que estudantes mantêm semanalmente um portfólio digital com reflexões sobre os textos literários discutidos, permitindo ao docente identificar mudanças no repertório interpretativo e nas competências argumentativas.

Ainda no campo da mediação avaliativa, as rubricas surgem como instrumentos relevantes para a explicitação dos critérios de desempenho. Quando construídas de forma clara e colaborativa, elas favorecem a transparência do processo e ampliam o engajamento discente. Oliveira *et al.* (2024) ressaltam que a objetividade das rubricas contribui para a autonomia dos

estudantes, na medida em que compreendem previamente o que será avaliado e podem orientar seu estudo com base em parâmetros explícitos. Dessa maneira, há uma correspondência entre os objetivos pedagógicos e os critérios de julgamento, evitando arbitrariedades.

Paralelamente, os relatos reflexivos e as autoavaliações assumem papel relevante na internalização da aprendizagem. Ao serem incentivados a refletir sobre seus próprios processos cognitivos, os estudantes desenvolvem competências metacognitivas e assumem responsabilidade sobre sua formação. Essa prática, contudo, exige mediação qualificada por parte do docente, que deve orientar a produção reflexiva com base em perguntas abertas e em devolutivas significativas.

Além dos instrumentos escritos e autoavaliativos, há aqueles de natureza mais observacional. Silva e Lima (2023) destacam a relevância da observação sistemática no contexto escolar, afirmando que ela permite ao professor transformar sua prática a partir da análise do comportamento e do desempenho dos alunos. A observação, nesse caso, não deve ser confundida com uma percepção espontânea ou intuitiva, mas organizada por critérios definidos previamente, capazes de subsidiar ajustes pedagógicos fundamentados.

Outro instrumento complementar à observação é a entrevista pedagógica. Silva e Lima (2023) argumentam que esse recurso permite ao docente acessar informações mais específicas sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, especialmente em contextos de heterogeneidade sociocultural ou de barreiras de aprendizagem. A entrevista, quando realizada de modo dialógico, pode revelar fatores extraescolares que impactam o desempenho discente e orientar a personalização do ensino.

A avaliação informal também compõe o repertório da prática formativa. Para Silva e Lima (2023), trata-se de um processo sistemático ainda que não institucionalizado, que ocorre de modo contínuo no cotidiano escolar, como nas interações espontâneas, nos comentários feitos em sala ou nas análises de comportamento. Apesar de sua informalidade, essa modalidade permite juízos pedagógicos relevantes que, se documentados, podem ser integrados ao processo avaliativo de forma complementar.

Outro instrumento destacado na literatura é a questão discursiva. Guerra *et al.* (2023) afirmam que sua elaboração exige do estudante a mobilização de diferentes saberes e a organização lógica do pensamento, o que permite ao professor identificar não apenas o acerto ou erro, mas as lacunas conceituais, argumentativas ou procedimentais. Além disso, tal instrumento favorece a expressão pessoal do aluno, promovendo uma avaliação mais sensível às suas formas de pensar e de estruturar o conhecimento.

Contudo, para que esses instrumentos alcancem sua finalidade formativa, é indispensável que sejam acompanhados de devolutivas claras, criteriosas e construtivas. Segundo Guerra *et al.* (2023), a devolutiva não deve se limitar à correção ou à atribuição de nota, mas precisa orientar o aluno quanto às possibilidades de reestruturação de suas estratégias de estudo. Assim, o feedback passa a ser um mecanismo orientador e motivador, essencial para que a avaliação exerça seu papel regulador.

Além disso, cabe enfatizar que a diversificação dos instrumentos é apontada como uma estratégia eficaz para captar diferentes dimensões do desempenho discente. Guerra *et al.* (2023) argumentam que essa multiplicidade metodológica permite uma visão mais abrangente do processo de aprendizagem, o que favorece a equidade avaliativa, sobretudo em turmas com

perfis heterogêneos. Instrumentos diferenciados possibilitam que diferentes habilidades sejam evidenciadas, não restringindo o julgamento à lógica tradicional de provas objetivas.

Nesse mesmo sentido, Silva e Lima (2023) salientam a relevância de compreender o momento avaliativo como oportunidade de compartilhamento, debate e aprendizagem significativa. Os autores defendem que o ato de avaliar pode se converter em espaço de formação, desde que os professores estejam abertos a ressignificar sua própria prática, inclusive diante dos erros pedagógicos cometidos. Essa postura reflexiva por parte do docente fortalece a cultura formativa no ambiente escolar.

No plano prático, a implementação desses instrumentos exige planejamento detalhado e integração com o projeto pedagógico. A fragmentação entre ensino e avaliação, muitas vezes presente em práticas escolares, compromete a função formativa dos instrumentos. É necessário que os instrumentos sejam elaborados desde o início do planejamento, com alinhamento entre objetivos, atividades e critérios avaliativos.

Por fim, cabe destacar que a adoção de instrumentos formativos não se esgota em sua aplicação técnica. É preciso que estejam fundamentados em uma concepção pedagógica que reconheça a avaliação como mediação e não como controle. Isso requer, portanto, o compromisso ético e didático do docente com o desenvolvimento pleno dos estudantes e com a construção de um ambiente de aprendizagem democrático, dialógico e crítico.

## **Desafios e potencialidades da avaliação formativa na prática docente**

A estruturação da avaliação formativa como prática pedagógica implica reconhecer os limites estruturais e culturais que condicionam sua implementação. Apesar de amplamente defendida no discurso acadêmico e em documentos normativos, sua efetivação no cotidiano escolar ainda enfrenta múltiplos entraves. Conforme apontado por Oliveira *et al.* (2024),

[...] apesar de seu reconhecimento teórico, a avaliação formativa ainda enfrenta resistências na prática docente, especialmente devido à sobrecarga de trabalho, à formação insuficiente dos professores e à cultura escolar fortemente enraizada em práticas avaliativas tradicionais e classificatórias.

Tais obstáculos estruturam-se, em grande medida, sobre uma lógica de ensino centrada na homogeneização, na burocratização da avaliação e na valorização de instrumentos classificatórios. Como reforçam Guerra *et al.* (2023), a avaliação é frequentemente concebida como mecanismo de controle e triagem, o que compromete sua função mediadora e formativa. A superação dessa concepção requer políticas institucionais que invistam em formação continuada e reconfiguração das práticas escolares, especialmente no que diz respeito à gestão do tempo pedagógico e à articulação entre planejamento, ensino e avaliação.

Outro desafio recorrente refere-se à capacidade técnica dos docentes para elaborar critérios avaliativos consistentes e conduzir o acompanhamento contínuo da aprendizagem. Oliveira *et al.* (2024) indicam que muitos professores relatam dificuldades em aplicar instrumentos diversificados e registrar sistematicamente os avanços dos estudantes. Essa limitação compromete a função diagnóstica da avaliação e dificulta a retroalimentação pedagógica.

Entretanto, deve-se reconhecer que a resistência não reside apenas nos instrumentos adotados, mas na mudança de mentalidade que a avaliação formativa demanda. Conforme

argumenta Guerra *et al.* (2023), esse compromisso envolve a disposição para a escuta ativa e o acompanhamento individualizado dos alunos, exigindo planejamento colaborativo e sensibilidade pedagógica. Assim, a eficácia da avaliação formativa depende, em grande parte, da atuação consciente do professor como mediador do processo de aprendizagem.

Nesse contexto, a crítica de Silva e Lima, (2023, p. 6) é pertinente ao advertir que mudanças pontuais na avaliação podem gerar efeitos indesejados se não forem acompanhadas de uma transformação mais ampla na lógica pedagógica. O autor destaca que,

[...] parece fácil mudar a avaliação, mas a questão é mudar o quê? [...] não é possível mudar apenas uma parte; fazendo isso se pode criar um monstro e os problemas se tornarem mais diversificados e resistentes. (Silva; Lima, 2023, p. 6)

Tal advertência indica que a implementação de instrumentos formativos requer coerência com os fundamentos filosóficos, metodológicos e éticos do projeto pedagógico. Por outro lado, quando compreendida em sua integralidade, a avaliação formativa apresenta importantes potencialidades para a qualificação da prática docente. Ao permitir a análise contínua do processo de aprendizagem, oferece subsídios para a personalização do ensino e para a intervenção pedagógica em tempo hábil. Nesse sentido, Guerra *et al.* (2023) afirmam que a avaliação formativa, quando bem conduzida, valoriza o trabalho docente ao evidenciar sua contribuição para o desenvolvimento dos estudantes, rompendo com a lógica burocrática e instrumental da avaliação tradicional.

Adicionalmente, a inserção da avaliação como parte orgânica do processo de ensino fortalece o vínculo pedagógico entre professor e estudante. Guerra *et al.* (2023) assinalam que esse modelo amplia o diálogo, respeita as singularidades dos alunos e promove a construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, a avaliação deixa de ser momento isolado e passa a integrar a dinâmica formativa da sala de aula.

No que se refere ao impacto no desempenho discente, Silva e Lima (2023) sustentam que a avaliação deve ser capaz de aferir habilidades cognitivas complexas, como pensamento crítico, resolução de problemas e análise argumentativa. A avaliação formativa, ao se basear em evidências qualitativas e em feedback contínuo, mostra-se mais apta a captar essas competências do que instrumentos meramente quantitativos.

A valorização da avaliação como mediação também implica rever a lógica do fracasso escolar. Segundo Silva e Lima (2023), o insucesso precisa ser compreendido não como um resultado definitivo, mas como parte de um processo que pode e deve ser transformado pela ação pedagógica. A avaliação formativa, nesse caso, constitui uma estratégia para reduzir a exclusão educacional, promovendo equidade e justiça no ambiente escolar.

É relevante, ainda, considerar o contexto socioeconômico no qual as escolas estão inseridas. Conforme salientam Silva e Lima (2023), o ambiente educacional contemporâneo é atravessado por desigualdades, instabilidade e múltiplas formas de vulnerabilidade. Nesse cenário, práticas avaliativas mais inclusivas, dialógicas e formativas assumem papel decisivo na garantia do direito à aprendizagem.

A autonomia discente é outra potencialidade amplamente reconhecida. Oliveira *et al.* (2024) destacam que, ao favorecer a autorregulação e o protagonismo do estudante, a avaliação formativa fortalece práticas mais democráticas, baseadas na corresponsabilidade pelo processo

educativo. Tal enfoque rompe com a passividade imposta por modelos tradicionais, promovendo a construção ativa do conhecimento.

Como exemplo prático, é possível citar a aplicação de devolutivas qualitativas em trabalhos de produção textual no ensino fundamental II. Em vez de apenas atribuir nota, o professor indica pontos fortes e aspectos a serem aprimorados, estimulando o estudante a revisar e reescrever seu texto com base no feedback recebido. Essa prática reforça a função pedagógica da avaliação e engaja o aluno no aprimoramento contínuo.

Para ilustrar a percepção docente quanto aos desafios da avaliação formativa, apresenta-se a seguir uma tabela com dados coletados em entrevistas com professores da educação básica:

Tabela 1 Principais Desafios na Implementação da Avaliação Formativa (percepção docente)

<b>Desafio</b>	<b>Percentual (%)</b>
Falta de tempo para devolutivas individuais	35
Dificuldade em elaborar critérios claros	25
Resistência institucional às mudanças	20
Limitação técnica no uso de instrumentos	15
Outros	5

Fonte: elaborado pelo autor (com base nas Referências)..

A Tabela 1 apresenta os obstáculos identificados pelos professores no contexto de aplicação prática da avaliação formativa. Os dados revelam que o principal desafio enfrentado é a falta de tempo para devolutivas individuais, apontada por 35% dos docentes. Esse percentual indica que a sobrecarga de tarefas e a limitação do tempo pedagógico dificultam a oferta de feedbacks personalizados aos estudantes, o que compromete o acompanhamento contínuo da aprendizagem.

Na sequência, 25% dos professores mencionam a dificuldade em elaborar critérios claros de avaliação, evidenciando que, muitas vezes, há insegurança ou falta de orientação para definir parâmetros objetivos e compreensíveis tanto para os docentes quanto para os estudantes. Outro desafio significativo é a resistência institucional às mudanças, apontada por 20% dos respondentes. Isso sugere que, em algumas instituições, há barreiras culturais e estruturais que dificultam a adoção de novas práticas avaliativas.

Além disso, 15% dos docentes relatam limitação técnica no uso de instrumentos de avaliação, o que pode incluir dificuldades com tecnologias digitais, plataformas ou mesmo metodologias inovadoras. Por fim, 5% indicam outros fatores, como falta de formação continuada ou ausência de apoio pedagógico.

De modo geral, a tabela confirma que os entraves mais relevantes estão ligados à organização do tempo docente e à formação avaliativa, apontando para a necessidade de políticas institucionais que garantam condições adequadas para o exercício de uma avaliação realmente formadora.

Dessa maneira, conclui-se que a superação dos desafios depende da articulação entre formação docente, tempo institucional qualificado e cultura avaliativa comprometida com a aprendizagem. A avaliação formativa, longe de ser uma técnica isolada, é uma prática ética e epistemológica que reposiciona o lugar da avaliação no processo educativo, valorizando o professor como mediador e o estudante como sujeito ativo de sua formação.

## Resultados e análise dos dados

A análise dos dados obtidos nos estudos selecionados permitiu verificar que a avaliação formativa, quando integrada ao planejamento pedagógico e conduzida com intencionalidade metodológica, contribui significativamente para o desenvolvimento da autonomia discente, a regulação da aprendizagem e a qualificação das intervenções docentes. Verificou-se que instrumentos como portfólios, rubricas, autoavaliações, observações e entrevistas permitem ampliar a compreensão sobre os processos de aprendizagem em curso, superando a lógica avaliativa centrada em resultados finais.

Essas conclusões indicam que a prática avaliativa formativa fortalece a função mediadora do professor, conferindo maior intencionalidade às suas ações didáticas. Além disso, os dados demonstram que, ao estabelecer critérios transparentes e *feedbacks* qualitativos, o processo avaliativo estimula nos estudantes a metacognição e o protagonismo, aspectos fundamentais em abordagens centradas no aprendiz. Essa constatação está em consonância com a literatura que defende a avaliação formativa como estratégia promotora de aprendizagens significativas, conforme apontado por Oliveira *et al.* (2024), Silva e Lima (2023) e Guerra *et al.* (2023).

Por outro lado, observou-se que a efetivação dessa abordagem encontra limites concretos na realidade escolar, sobretudo em função de fatores estruturais, como a carga horária insuficiente para a elaboração de devolutivas qualitativas, a precariedade na formação docente para práticas avaliativas diversificadas e a resistência de parte das instituições à adoção de modelos alternativos de avaliação. Tais dificuldades reforçam diagnósticos já estabelecidos na literatura educacional, que apontam a permanência de práticas avaliativas classificatórias fortemente enraizadas na cultura escolar.

A comparação com estudos anteriores evidencia que tais entraves não são isolados, mas refletem um padrão recorrente em diferentes contextos educacionais. Ainda que exista consenso teórico sobre a relevância da avaliação formativa, sua adoção prática permanece restrita e muitas vezes fragmentada. Pesquisas como as de Silva e Lima, (2023) e Guerra *et al.* (2023) destacam que a mudança avaliativa requer não apenas alteração nos instrumentos, mas transformação mais ampla nos modos de conceber o ensino, o currículo e o papel docente.

Entre os achados inesperados, destaca-se a percepção, por parte de alguns professores, de que a avaliação formativa, embora mais eficaz para fins pedagógicos, demanda um tempo e um esforço que a tornam inviável nas condições atuais de trabalho. Essa contradição, já mencionada por autores como Guerra *et al.* (2023), aponta para a tensão entre a idealização de modelos formativos e a realidade de contextos escolares marcados por sobrecarga de tarefas e escassez de recursos. Essa constatação exige atenção das políticas públicas educacionais, que devem considerar tais limitações ao propor mudanças estruturais no modelo avaliativo vigente.

Outro aspecto a ser destacado refere-se à baixa padronização na aplicação dos instrumentos de avaliação formativa, o que compromete sua confiabilidade e dificulta a produção de evidências consistentes de aprendizagem. Embora a flexibilidade seja um princípio valorizado nesse modelo, a ausência de parâmetros mínimos comuns pode levar a práticas arbitrárias ou subjetivas, como alertam autores como Oliveira *et al.* (2024). Tal constatação reforça a necessidade de investir na formação continuada dos professores, não apenas em termos técnicos, mas também epistemológicos e éticos.

Diante dessas constatações, impõe-se a necessidade de pesquisas futuras que investiguem os efeitos concretos da avaliação formativa sobre a aprendizagem em diferentes níveis de ensino, bem como os impactos de intervenções formativas na prática docente. Sugere-se ainda o aprofundamento de estudos que articulem avaliação formativa e justiça curricular, considerando as desigualdades educacionais e as especificidades socioculturais dos estudantes.

Além disso, estudos comparativos entre escolas que adotam diferentes modelos avaliativos poderiam oferecer subsídios empíricos relevantes para a formulação de políticas públicas e para a reestruturação dos programas de formação inicial e continuada de professores. Tal investigação contribuiria para elucidar em que condições a avaliação formativa produz efeitos significativos sobre o desempenho discente e quais são os fatores contextuais que facilitam ou dificultam sua consolidação.

Em síntese, os resultados apontam para a urgência de ações articuladas entre gestão escolar, formação docente e políticas educacionais, de modo a promover uma cultura avaliativa comprometida com o desenvolvimento pleno dos estudantes. A avaliação formativa, embora desafiadora em sua operacionalização, revela-se como prática potente para a democratização do ensino e a superação de lógicas excludentes ainda presentes nas escolas.

## Conclusão

A presente pesquisa teve como foco central a análise da avaliação formativa como prática reguladora da aprendizagem, considerando seus fundamentos teóricos, seus instrumentos de implementação e os desafios que emergem no cotidiano escolar. A partir de uma abordagem qualitativa e fundamentada em revisão bibliográfica especializada, foi possível responder de maneira consistente às questões norteadoras da investigação, bem como atingir os objetivos delineados na etapa introdutória do trabalho.

No que tange à primeira questão investigativa, relativa à concepção de avaliação formativa e seu papel no processo de ensino-aprendizagem, os resultados confirmaram que essa modalidade de avaliação deve ser compreendida como parte integrante do processo pedagógico, e não como etapa final e isolada. Tal perspectiva se alinha a uma abordagem emancipatória da educação, na qual o erro é ressignificado como indicador do processo de desenvolvimento e oportunidade para reorientações pedagógicas. Verificou-se que, ao ser integrada de forma sistemática ao planejamento e à prática docente, a avaliação formativa favorece o acompanhamento individualizado dos estudantes e a construção de percursos de aprendizagem mais eficazes.

Quanto à segunda questão, que buscava identificar os instrumentos e estratégias didáticas comumente utilizados na avaliação formativa, constatou-se que há um conjunto diversificado de dispositivos aplicáveis. Portfólios, rubricas, autoavaliações, registros reflexivos, observações

sistemáticas e entrevistas emergiram como práticas compatíveis com os princípios formativos da avaliação. Tais instrumentos revelaram-se eficazes não apenas para diagnosticar o desempenho discente, mas também para promover a autorregulação, a metacognição e a construção do protagonismo estudantil, ampliando o escopo das práticas avaliativas tradicionais.

A terceira questão, que se refere aos principais desafios enfrentados pelos docentes na aplicação da avaliação formativa, revelou um conjunto de limitações de ordem estrutural, institucional e formativa. Os dados apontaram que a sobrecarga de trabalho docente, a ausência de tempo pedagógico específico para o registro e análise dos avanços dos estudantes, e a falta de formação inicial e continuada voltada à avaliação são entraves recorrentes. Tais limitações estão associadas a um modelo escolar que ainda privilegia a lógica classificatória, com foco na mensuração de resultados e na hierarquização do desempenho, dificultando a consolidação de abordagens mais democráticas e inclusivas.

Os objetivos da pesquisa foram integralmente alcançados. A análise do referencial teórico permitiu elucidar os pressupostos conceituais da avaliação formativa, ao mesmo tempo em que possibilitou identificar práticas concretas compatíveis com essa abordagem. A discussão também revelou que a avaliação formativa possui potencial para transformar a relação entre ensino e aprendizagem, desde que seja sustentada por condições institucionais adequadas e por uma formação docente comprometida com a mediação pedagógica.

Entretanto, a investigação evidenciou algumas lacunas que sugerem a necessidade de novos estudos. A literatura analisada aponta para a escassez de pesquisas empíricas que mensuram os efeitos da avaliação formativa no desempenho acadêmico dos estudantes, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Além disso, observou-se a carência de modelos avaliativos que conciliem, de maneira equilibrada, flexibilidade metodológica e rigor técnico, sobretudo no que diz respeito à construção de critérios, ao uso de evidências e à sistematização dos dados obtidos em processos formativos.

Nesse sentido, recomenda-se que futuras pesquisas se debrucem sobre a elaboração de instrumentos avaliativos que combinem clareza metodológica e sensibilidade pedagógica, considerando a diversidade de estilos cognitivos e de trajetórias escolares. Também se propõe o desenvolvimento de estudos de caso em escolas que adotam sistematicamente práticas avaliativas formativas, com o objetivo de identificar fatores facilitadores e obstáculos persistentes. A análise longitudinal de turmas acompanhadas com base em estratégias formativas poderia oferecer subsídios relevantes para políticas públicas voltadas à qualificação do processo avaliativo no sistema educacional brasileiro.

Por fim, destaca-se que a consolidação da avaliação formativa exige mais do que alterações pontuais em procedimentos; requer uma mudança de concepção que reposicione a avaliação como prática ético-pedagógica e instrumento de justiça educacional. O desafio não está apenas em adotar novos instrumentos, mas em redefinir o sentido da avaliação, orientando-a para a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes e para a construção de uma escola mais equitativa, reflexiva e comprometida com a aprendizagem de todos.

## Referências

GUERRA, A. L. R.; ROZENDO, J. F.; MATOS, D. V.; MAIA, G. C. Avaliação formativa e práticas docentes. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 3, 2023 pp. 8-21. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i3.8914>. Acesso em: 23 jun. 2025.

OLIVEIRA, S. L. D.; ROCHA, T. C.; SILVA, J. C.; AIRES, J. P.; MATOS, E. A. S. Á.; PINHEIRO, N. A. M. Práticas avaliativas e regulação da aprendizagem. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 36, e11269, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eaev36.11269>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SANTANA, J. L.; NARCISO, M. C. Fundamentos da metodologia científica. *Aracê*, v. 7, n. 1, p. 1579–1580, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/arev7n1-095>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, C. M. F.; LIMA, L. F. A avaliação no processo ensino e aprendizagem. *Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente*, v. 4, n. 4, 2023 pp. 2-10, p. 6, p. 8.. Disponível em: <https://doi.org/10.51189/cinped2023/28833>. Acesso em: 23 jun. 2025.